

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Susan Sontag – Imagens de Pensamento  
15 de Março de 2022

## GIRO TURISTICO SENZA GUIDA /1984 (“Viagem Turística Sem Guia” / “Carta a Veneza”)

*um filme de Susan Sontag*

**Realização e Argumento:** Susan Sontag / **Fotografia:** Renato Berta / **Montagem:** Roberto Perpignani / **Som:** Ali Reza Mohaved / **Interpretação:** Cláudio Cassinelli, Lucinda Childs, Anna Nogara (voz) / **Produção:** RAI / **Direção de Produção:** Paolo Buffo / **Cópia:** da RAI, em ficheiro, cor (transcrito de 16 mm), legendado eletronicamente em português / **Duração:** 71 minutos / **Título alternativo:** Letter from Venice / **Estreia Mundial:** 9 de Janeiro de 1984, Itália / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira Apresentação na Cinemateca.

nota: a cópia do filme apresenta alguns problemas de deterioração ao nível da transcrição vídeo a partir do suporte original. Tratando-se da única e melhor cópia existente, fica a nota.

---

*O nível da água está a subir.  
O nariz do santo de mármore já não é aquilino.  
Mas as coisas belas estão aqui.  
Elas não desaparecem perante os nossos olhos.  
Ainda aqui estão.*

Este é o quarto e último filme realizado por Susan Sontag, a conhecida escritora, filósofa e intelectual norte-americana, mas também realizadora, cuja obra ensaística e literária conhece neste momento um novo incremento editorial em Portugal. Neste prolífero contexto, em que a par dos seus conhecidos escritos sobre fotografia, estética ou política, Sontag muito escreveu também sobre cinema, podemos dizer que a sua obra enquanto cineasta permanece ainda hoje muito pouco vista: só nos últimos anos os filmes voltaram a circular em algumas mostras e festivais, podendo agora ser exibidos na Cinemateca numa retrospectiva abrangente que os coloca em paralelo com alguns dos filmes muito admirados por Sontag, que a vários deles dedicou importantes textos ou considerações críticas.

**Giro Turístico Senza Guida** faz assim claramente parte desta “constelação Sontag”, tanto mais que adapta uma das suas obras ficcionais anteriores, que transforma de uma forma muito curiosa, uma história curta editada em 1977 na revista *New Yorker* com o título **Unguided Tour** (“Viagem sem Guia”, Quetzal, 2019 in *Histórias*, tradução da sua recolha *Stories*). Sucedendo a **Duett För Kannibaler/“Dueto para Canibais”** (1969) e a **Bröder Carl/“Irmão Carl”** (1971), dois filmes produzidos e rodados na Suécia sob clara influência bergmaniana, e ao documentário **Promised Lands** (1974), **Giro Turístico Senza Guida** convoca, mais uma vez, alguns dos temas que atravessam o pensamento de Sontag para os aplicar numa obra já não tão claramente de ficção como os seus dois primeiros filmes, mas num objecto de pendor mais ensaístico e documental, que preserva também a ficção literária que está na sua base.

Se descrevemos esses dois primeiros filmes como assumidamente bergmanianos, **Giro Turístico Senza Guida**, também intitulado “carta a Veneza”, será o seu filme mais claramente “Durasiano”, pois é em Marguerite Duras que pensamos neste périplo de um casal por entre as ruas e palácios de Veneza (a sequência da dança reflectida no espelho) e na evocação da sua

desaparição. Produzido para a RAI no âmbito da série “Per un Viaggio in Italia”, curiosamente a cadeia televisiva encomendou um episódio anterior a Duras, nesse caso dedicado a Roma (**II Dialogo di Roma**, 1982).

Em **Bröder Carl** a personagem de Carl (Laurent Terzieff) era já um bailarino, pelo que, numa rima, em **Giro Turistico Senza Guida** voltamos a uma protagonista ligada à dança, área sobre a qual Sontag também escreveu, neste caso a coreógrafa e bailarina Lucinda Childs, que dança para câmara de Sontag numa altura em que ambas eram muito próximas e tinham mesmo uma relação. Se o texto que está na origem do filme se desenvolve como um diálogo entre um casal à beira da separação que, pela sua fragmentação, tem muito de cinematográfico, **Giro Turistico Senza Guida** amplia esta vertente, acrescentado às palavras de ambos – e de uma terceira voz que lhes é exterior – um conjunto de imagens, que as deslocam para um todo outro contexto referencial a que é impossível escapar, ganhando protagonismo a cidade de Veneza. O casal é aqui interpretado pelo actor italiano Claudio Cassinelli, que contracena com Lucinda Childs, mas é Childs, com a sua inegável presença e beleza de gestos que ocupa o centro do filme. “O movimento ideal de Childs: claro, limpo, deliberado, intenso. E direccional.” (Sontag in *A Lexicon for Available Light*). São esses os movimentos de Childs em **Giro Turistico Senza Guida**, mas também são esses os movimentos do filme no seu permanente vaivém entre presente e passado no contexto de uma cidade condenada pelas águas. Cidade condenada que todos olham como estrangeira, mesmo os italianos, como tão bem descreve o texto de Sontag.

A um texto profundamente nostálgico, as imagens e os sons do filme acrescentam uma nostalgia suplementar, em que ao “grito mudo” pelo fim de uma relação, se junta o “grito mudo” por uma cidade no seu lento ritmo de desapareição. Ouvem-se as sirenes que anunciam a subida da água do mar, vemos operários que reparam as paredes em tijolo de casas ameaçadas e pensamos no terrível destino das suas fundações. “Morte em Veneza. Veneza é uma cidade onde é fácil pensar em morte”, diz-se a dada altura. Pensamos instintivamente no nevoeiro que envolve “Morte em Veneza” de Visconti ou na belíssima novela Thomas Mann que adapta, a mesma atmosfera densa que invade o filme de Sontag, mais uma obra votada à deambulação por uma cidade impregnada pela poesia e pela beleza que lhe são próprias. Mas pensamos também noutro hino à memória como o magnífico tratado sobre a memória que é **Méditerranée** (1963), filme charneira de Jean-Daniel Pollet (1963) que mostraremos nos próximos dias na Cinemateca.

*A cidade habitada pelos edifícios.*

*Edifícios ameaçados pela extinção.*

*Uma cidade que afundará um dia.*

*Veneza.*

*O nosso Titanic ao ralenti.*

*(...)*

*No início... alguém disse que “O mundo inteiro era a América”.*

*Mas, no final... O mundo inteiro é Veneza.*

*(transcrição e tradução livre do final dos diálogos do filme)*

*O fim do mundo. Isto não é o fim do mundo.*

*(frase final do conto *Unguided Tour*)*

São palavras e imagens que espelham um longo adeus a essa que é a “capital da melancolia” e a cidade que acolhe uma “espécie” particular de turista. O “turista melancólico” que capturará as falsas fotografias das esculturas e estátuas que Sontag tão admiravelmente nos devolve no final.

Joana Ascensão